

# **GRAMÁTICA: ELEMENTO DE APRENDIZAGEM OU DE REFLEXÃO?**

**BEZERRA**, Louise Caroline de Souza  
carolzinhamf2@hotmail.com

**SANTOS**, Sandra Mota dos  
sandrocamota@hotmail.com

**ARAUJO**, Maria José de Azevedo (Orientadora)  
Graduada em Pedagogia, Especializada e Mestre em Educação pela Universidade  
Federal de Sergipe, Professora do curso de letras – Português da Universidade  
Tiradentes – UNIT.  
azevedo1956@bol.com.br

## **RESUMO**

O presente artigo relata elementos, fatos de nosso cotidiano no uso da gramática normativa. Firmando que o uso da gramática deve contribuir para aplicação de usos internos ou externos do nosso dia-a-dia. Investigou-se através de pesquisa bibliográfica e qualitativa a problemática apresentada pelos alunos de terem tantas dificuldades na aprendizagem da língua portuguesa. No artigo delimitou-se o estudo da gramática com as suas normas e regras gramaticais. Para a construção do embasamento teórico investigou-se as concepções dos seguintes educadores: Antunes, Irandé (2003), Neves (2006), Bagno, Marcos (2004) e outros autores de renome na área do estudo da gramática. Na investigação visualizamos que estes autores têm por objetivo alertar-nos da necessidade de ir em busca da nossa própria gramática, da gramática brasileira, dentro de dialetos da realidade em que vivemos, procurando esclarecer e melhorar a nossa língua. As regras da gramática normativa se assemelham às regras de etiqueta, expressando uma obrigação e uma avaliação de certo ou errado. Ela exclui, desconsidera os fatos que a distancia da variante padrão, considerando-os erros, vícios de linguagem.

**PALAVRAS CHAVE:** Gramática, Língua, Ensino Aprendizagem

## SUMMARY

This article reports on evidence, facts of our daily life in the use of normative grammar. Firms that the use of grammar should contribute to implementation of internal or external use in our day-to-day. It was investigated through a literature search and qualitative issues presented by the students have many difficulties in learning the English language. Article bound up the study of grammar with its rules and grammatical rules. For the construction of theoretical investigated the conceptions of the following educators: Antunes, Irandé (2003), Snow (2006), Bagno, Marcos (2004) and other authors of repute in the study of grammar. Visualize in research that these authors are supposed to warn us of the need to go in search of our own grammar, the grammar Brazilian within dialects of the reality we live in, trying to clarify and improve our language. The rules of normative grammar is similar to rules of etiquette, expressing an obligation and an assessment of right and wrong. It excludes, ignores the facts that the distance of the standard variant, considering them errors, defects of language.

**WORDS KEY:** Grammar, Language, Education Learning

## INTRODUÇÃO

Ao falar sobre língua portuguesa, nos vêm logo em mente “**gramática**”, regras, uso. E importante saber qual a sua real necessidade, sua verdadeira importância, analisar recursos e métodos utilizados por professores na construção em geral do conhecimento e na aprendizagem de língua portuguesa; refletir sobre as novas práticas de educação, tendo como base o contexto de sala de aula; técnicas que professores têm usado no ensino de gramática.

O tema foi escolhido devido a uma melhor compreensão, a um melhor entendimento da nossa gramática, ou quem sabe até um “despertar” para a criação da nossa própria gramática, afinal somos portugueses ou brasileiros? Este trabalho vai ajudar-nos a tornar os nossos alunos, leitores cidadãos críticos, capazes de criar, refletir de acordo com essa realidade apresentada. A sociedade a qual estamos inseridos, sempre negou-se a uma pluralidade de normas na língua dentro do universo da língua portuguesa. Possuímos sim uma língua portuguesa, porém a nossa língua falada não é a mesma que a língua escrita.

Ao falarmos em gramática precisamos especificar claramente o que estamos falando. Podemos analisá-la como uma estrutura para organizar apenas as línguas de uma determinada região, como também uma disciplina apenas, onde deverá ser estudado vários temas lingüísticos. Sendo assim foram analisados livros didáticos, para verificar se há contextualidade e significância dos conteúdos entrevista com alguns professores, perguntando-lhes quais critérios e teorias eles tem utilizado para guiar sua pratica pedagógica e seguindo posteriormente em ordem alguns temas .

## **1 REFLETINDO SOBRE O USO DE UMA GRAMÁTICA IMPOSTA**

### **1.1 Influência da fala e da escrita desde 1500.**

Quando os portugueses chegaram ao Brasil na época do descobrimento começaram então, a implantar a sua cultura, durante todo esse tempo nos foi passado normas gramaticais já existentes entre os portugueses, a qual fomos levados a seguir até hoje. Somos hoje um país independente e por que não termos uma ordem gramatical própria? Quando falamos na maioria das vezes, nem sempre é o que escrevemos. A nossa fala funciona muito mais rápido que a nossa escrita. Bastos, afirma(1981:34):

(...)o século XVI pode caracterizar-se pela preocupação dos gramáticos com a semelhança da gramática latina com a portuguesa, e pela glorificação nacionalista da língua portuguesa.

Cabe lembrarmos que a sistematização da língua portuguesa dá início a um processo de gramatização que vem baseado no latim. Desse modo, estabelece-se uma relação de transferência da língua latina para língua portuguesa, concretizando-se,

assim, a imposição da língua portuguesa, semelhante a imposição da língua latina, implementada pelos romanos.

(...) que apliquemos nosso trabalho a nossa língua e gente e ficará com maior eternidade a memória dele e não trabalhemos em língua estrangeira, mais apuremos tanto nossas boas doutrinas, que a possamos ensinar a muitas outras gentes e sempre seremos delas louvados e amados porque a semelhança é causa do amor e mais em as línguas<sup>1</sup>.

04

É fato de extrema importância salientar que essa primeira publicação sobre a estrutura da língua portuguesa vem imbuída não só da cultura Greco-latina, mas também de nossa identidade lingüística, alçando Portugal ao lugar de honra dos grandes países marcados pela tradição de conquista de novas terras.

### **1.1.1 A língua é viva**

A língua acompanha um povo ao passar dos tempos, expressando uma maneira de organizar o mundo em que nos cerca em nomes, estruturas lingüísticas, mudando e reinventando-se com as pessoas.

Quando escrita, a língua evidentemente tem um papel tremendo na história da humanidade e jamais será desprezada pela lingüística, como algumas pessoas costumam temer. Muitas pessoas não têm conhecimento na escrita, nem por isso a linguagem delas deixa de ser algo importante para o entendimento de regras e funcionamento da linguagem humana. Por outro lado, a língua escrita conserva o patrimônio científico, cultural, intelectual de um povo, sendo transmitida de geração em geração.

(...) não temos regras que possam compreender todos, senão os mais, do que nos não havemos de espantar,

---

<sup>1</sup> Oliveira, 1536:45.

porque os gregos, cuja língua é bem concertada, têm um bom caderno de verbos irregulares e alguns nomes. E os latinos tem outro tão grande de nomes, com seus verbos de companhia. E nós dos nossos faremos memória a seu templo, mas não nesta obra, na qual não fazemos mais que apontar os princípios de gramática que temos na nossa língua.<sup>2</sup>

A partir dessa descrição das partes da língua portuguesa, podemos perceber o caráter normativo que é impresso a gramática de Fernão de Oliveira. Assim, é possível afirmar que, na obra desse autor, o caráter de política lingüística está intimamente ligado ao fato de ter sido esse estudioso o primeiro a sistematizar a estrutura de uma língua ainda principiante, que necessita ser tratada sucintamente.

Segundo Bagno as mudanças são inevitáveis, o português que falava-se no ano de 1830, jamais será o mesmo que falamos hoje no ano de 2008. A língua muda constantemente e a escrita apesar de demorar muda também. O verdadeiro professor é aquele que tem o compromisso de inovar suas habilidades, seus conhecimentos, despertando os alunos a ter sede de ir em busca do conhecimento, de ampliar suas fontes de informações. A língua não é um sistema único ela varia conforme o tempo e cada região.

## **1.2 Gramática no século XIX**

Meados do século XIX, os poucos alunos que tinham acesso a escolarização mais prolongada, suas aulas de português era apenas uma exposição da gramática normativa, sem nenhuma proposta de atividades, exercício a serem desenvolvidos pelos alunos. Limitavam-se apenas a apresentação de trechos de autores considerados sagrados, sem nenhum acréscimo. Assim o professor de português era o que conhecia bem a gramática e a literatura da língua.

---

<sup>2</sup> Oliveira, 1536:123.

Com o passar do tempo, não só mais a elite, mais uma boa parte da população começaram então a ter acesso a escola também. Conseqüentemente o número de alunos em sala de aula cresceu muito. Com esse crescimento a escola precisou reformular suas funções, seus objetivos. É a partir daí desse momento que começa a modificar-se profundamente o alunado, como conseqüência das crescentes reivindicações da sociedade, pelo direito a escolarização, a escola democratiza-se e agora não só os filhos da burguesia, mas também os filhos do trabalhador.

No século XIX, em que predominam os estudos históricos da linguagem, temos: a definição da língua como produto da história; a teoria que se pratica é o comparatismo; o método é o histórico-comparado; os procedimentos (para citar um) são a análise da evolução sustentada nas leis fonéticas, visando encontrar relações perante uma unidade idealizada que é a língua mãe(UrSprache) ; o objeto é a língua como objeto histórico (atomizado), produto da história.<sup>3</sup>

Não houve mudanças nos fatores internos da escola, sobre os conhecimentos da língua, apesar do grande crescimento de alunos, eles continuaram então a estudar a gramática, como um instrumento de expressão para fins retóricos e poéticos. Assim não houve alteração significativa nas funções e nos objetivos da disciplina de português.

## **2 O USO DA GRAMÁTICA**

### **2.1 O Ensino do Português**

Ensinar o português, na prática pedagógica tradicional, significa impor um conjunto de regras, normas gramaticais, uma série de pronúncias, que não correspondem a nenhuma variedade lingüística da nossa realidade. Quando se ensina o português,

---

<sup>3</sup> Segundo Orlandi, 2002, p.14.

podemos dizer que se ensina a gramática normativa. A língua que se ensina é diferente e bem distante do português que usamos no nosso dia-a-dia.

Um texto que um professor passa para seus alunos observar e analisar, pode ser considerado um produto de leitura incompreensiva, quando o aluno detecta que não é habitual a sua realidade de vida, levando em consideração que aquilo que se transmite através de uma prática de ensino, parece não ser apenas o resultado de pontos de vista sobre o que é posto em pauta, mais sim algo assumido por um grupo de profissionais que tem um grande conhecimento, desde a criação da gramática normativa, feita com bases nos conhecimentos dos antigos filósofos e estudiosos.

## **2.2 Gramática Normativa**

A gramática tradicional é algo considerado muito forte, influente, afinal são mais ou menos 2.300 anos de existência, tempo suficiente para impor e conquistar a nobreza.

Todas as gramáticas normativas apresentam várias regras, como já citado. A gramática afirma que o sujeito e predicado são termos essenciais da oração. Se essencial é aquilo que tem a ver com o próprio ser de alguma coisa: essencial é aquilo que faz uma coisa ser o que ela é. Se sujeito e predicado são termos essenciais da oração, não pode haver oração, se não houver sujeito e predicado. Porém as mesmas gramáticas que falam em termos essenciais, admitem que existe orações sem sujeito como. Ex: Relampejou muito ontem.

Quem é o sujeito da oração? Nessa oração não existe sujeito. Então não poderia ser considerada uma oração, dentro dessa doutrina apresentada pela gramática, que ver o sujeito como termo essencial. Com essa crítica a gramática normativa e variam outras que devem existir, concluímos que essa gramática a qual somos “obrigados” a seguir

não tem bases nenhuma consistentes, científicas. Seus conceitos são resultantes de um processo em que os dogmas foram transformados em verdades definitivas, criadas pelos filósofos, gramáticos e estudiosos. A visão normativa da gramática não admite as diversas possibilidades para o uso lingüístico, porém, diariamente, verificamos que os indivíduos elegeam a forma que consideram mais apropriada de acordo com as situações e com a forma material de comunicação. De acordo com a situação social nos expressamos diferentemente: às vezes em fala mais formal, outras vezes em fala mais coloquial e, entre os dois extremos A maioria dos gramáticos hoje existentes, não se submetem a análise crítica da gramática normativa, limitando-se a repetir e inalterar os conceitos usados pelos gramáticos anteriores. Mas nem por isso devemos descartar o uso da gramática normativa, apesar de suas falhas ela ajuda os estudiosos que tentaram investigar o estudo da língua.

### **2.3 Função da Escola**

Se a função da escola é o ensino da língua padrão, então, não é com teoria gramatical que ela materializará seu objetivo.

O que precisamos fazer é deixar de ver a gramática como algo sagrado, inflexionável e empreendedor. Devemos completar o estudo da gramática, das línguas de acordo com uma perspectiva, de conceitos modernos da ciência. Para isso devemos parar de usar a gramática tradicional, como se nela estivesse contida toda uma verdade absoluta a respeito da língua, como se fosse um conjunto de leis que devemos respeitá-las e obedecê-las. Essa ainda tem sido a atitude de muitos que se apegam a gramática tradicional, como se ela fosse a salvadora da pátria.

Embora nenhuma teoria geral possa ser provada, ela pode ser refutada, isto é pode ser testada. Por maior que



seja o numero de observações de cisnes brancos, ele jamais provará a verdade da afirmação “ todos os cisnes são brancos”, pois uma única observação de cisnes preto é suficiente para refutá-la. Assim podemos testar afirmações gerais buscando exemplos contrários. Sendo assim, a crítica se torna o principal meio pela qual de fatos progredimos. Uma afirmação que não seria invalida por nenhuma observação, não pode ser testada, e portanto não pode ser chamada de científica, porque se tudo que poderia acontecer é compatível com a sua verdade, então nada pode ser visto com prova para ela. Um bom exemplo seria: “Deus Existe” ela tem significado e pode ser verdadeira, mas nenhuma pessoa intelectualmente será ou consideraria uma afirmação científica.<sup>4</sup>

Assim a gramática normativa pode ser considerada um obstáculo ao avanço do saber, um contrapeso à ciência ou melhor um pano de fundo na historia da ciência das idéias em geral.

Sírio Possenti<sup>5</sup> relata: “Talvez deva repetir que adoto sem qualquer dúvida o princípio (quase evidente) de que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou seja, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido”.

É preciso reconhecer os dialetos e tê-los como ponto de partida para os trabalhos pedagógicos com a língua portuguesa em sala de aula, contudo, isso requer de nos professores e futuros professores bem como dos órgãos oficiais de ensino um novo pensar nas concepções da língua e sujeitos que fortaleçam como uma adequação dos materiais didáticos utilizados e melhor formação para os professores.

### **3 A GRAMÁTICA EM NOSSAS VIDAS**

#### **3.1 Fonte de Inspiração para o Ensino da Língua Portuguesa**

---

<sup>4</sup> Bagno, 2001, p.20.

<sup>5</sup> Possenti, 1996, p.17), em sua obra: Por que (não) ensinar gramática na escola.

A gramática de uma língua em funcionamento não tem regras rígidas para aplicação, como nos fizeram acreditar. E para o uso da língua nativa, de modo nenhum ocorre que o falante primeiro precise estudar as “regras” que a gramática lhe oferece em livros. Qualquer falante nativo de uma língua é competente para produzir e entender enunciados dessa língua, num natural amadurecimento. Ninguém que tenha estudado toda a gramática, definições oferecidas, simplesmente por isso, falará ou escreverá melhor.

A gramática normativa não é uma disciplina que se deva colocar a língua externamente em funcionamento. Ela não é um esquema organizado, independentes de atos de interação lingüístico, dos significados que se obtém. Mais sim um sistema de princípios que organizam enunciados, pelo qual, os falantes nativos de uma dada língua se comunicam nas diversas situações de uso. Cada individuo tem um comunidade lingüística, tem um conhecimento natural de sua língua materna.

Ainda hoje a gramática tradicional é a máxima fonte de inspiração doutrinaria para o ensino de língua portuguesa. A gramática é um “discurso que pressupõe a grande verdade apriorística” e esse discurso é sempre justificativo, nunca investigado. O confronto direto com a realidade é tudo que os gramáticos normativos não fazem.

Os verdadeiros continuadores dos gramáticos clássicos e escolásticos, não aqueles que buscam preservar intacto todo o arcabouço da gramática clássica, mas antes, aqueles que empreendem a investigação livre e crítica sobre o papel e a natureza da linguagem entra do contexto do atual pensamento científico e com o conhecimento, mas extenso sobre as línguas e as culturas de que se dispõe agora<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Bagno, 2001, p.17.

Não é gramática normativista que precisa de uma língua ou uma variedade lingüística, para a sua descrição e análise mais as línguas é que necessitam da gramática normativa para garantir a existência de um padrão lingüístico uniforme. Sem ela então jamais existirá uma língua culta. É fácil comprovar que sua doutrina corresponde na realidade aos fatos, que realmente acontece na língua falada entre as pessoas.

### **3.2 Utilidade da Gramática**

Criou-se uma lenda muito grande em torno do ensino da gramática normativa nas escolas, uma espécie de estrutura ideológica de poder e de controle sobre as demais classes sociais. Criando-se assim um pensamento errôneo, entre todos, de que os falantes de uma língua precisam da gramática normativa para se comunicar, como se ela fosse uma espécie de mina d'água da qual brota a língua natural.

O apego da gramática normativa é freqüentemente o alvo preferido para críticos. A própria qualificação de tradicional enfatiza esse fato. Existem defensores da gramática normativa que lutam contra o ataque constante a língua, recusam-se a aceitar a mudança na variação da língua.

As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como “regras” e “padrões”, manifestações lingüísticas usados por escritores sagrados, dignos de admiração. Modelos a serem imitados.

A gramática é definida como “ A arte de falar e escrever corretamente”, seu objetivo é descobrir as relações existentes entre os elementos da língua sejam, essas relações “naturais” ou “convencionais”, a tarefa do gramático é descrever o “bom uso”, isto é, a língua das pessoas educadas<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Bagno, 2004, p. 40.

Cabe ao professor propiciar ao aprendiz, enquanto sujeito histórico, momentos de construção do seu próprio discurso seja ele convencional; ressaltando o aspecto dialógico e o trabalho natural com o discurso do próprio alunado, no meio dos quais estarão o dos alunos que vivem experiências culturais diferenciadas.

## **4 A GRAMÁTICA NO SÉCULO XX**

### **4.1 Estudo lingüístico**

Ao longo do século XX, muitas escolas de estudos lingüísticos foram se desenvolvendo, produzindo uma grande quantidade de pesquisas, mostrando a inadequação e as limitações das análises tradicionais, tudo isso causou uma grande revolução.

É interessante observar como o ensino de outras disciplinas fazem uma abordagem sempre críticas dos saberes do passado, mostrando de que maneira a evolução do conhecimento e da ciência levou o ser humano a abandonar velhas crenças e superstições. Já os termos da nossa gramática, estabelecidas a mais de 2.000 anos, continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração para outra, como se daquela época pra cá nada tivesse surgido, nada acontecido. O ensino assim opera uma imobilização no tempo e a permanência na gramática tradicional.

A proposta da Lingüística não é ditar o padrão correto de falar e escrever, mas sim, descrever as línguas, observá-las em curso, em uso, e analisá-las cientificamente, ou seja, com postura teórica e metodológica que postula uma gramática descritiva e não um modo de pensar a língua como o empregado pela gramática normativa: explicando tudo o que ocorre a partir das regras e não do uso, abominando na língua as construções que não cabem em suas regras e classificando os tipos lingüísticos em graus hierárquicos.

Segundo Santin,

Encontramos a linguagem dos pobres, e aquela dos ricos; a linguagem dos políticos e aquela dos economistas; a linguagem do ateu e aquela do crente; a linguagem do criminoso, do marginal, ao lado da linguagem dos psicólogos e do sábio; a linguagem do poeta e aquela do cientista, enfim a linguagem dos jovens, dos velhos, dos doentes, dos loucos, das crianças etc.<sup>8</sup>

#### 4.2 Nenhuma Análise Crítica

Quando a nossa gramática foi criada em volta do século III a. c. a, a preocupação dos filósofos era de preservar a linguagem literária empregada pelos grandes poetas e prosadores do passado.

Numa clara inversão do processo histórico da língua, as pessoas só acreditavam que o dicionário e a gramática surgiram primeiro, e só depois, com bases nesses livros, as pessoas puderam aprender a falar. Se essa “história” fosse verdadeira, as pessoas que não conhecem a escrita deveriam ser todos mudos, já que não tem acesso a dicionários e nem a gramáticas. Ainda existem pessoas que acreditam, poder aprender a falar, ler e entender, escrever uma língua estrangeira decorando uma gramática e consultando um dicionário. Pessoas que não são consideradas leigas, sabem perfeitamente que isso não é possível.

Afirmar que existem línguas simples línguas simples e línguas complexas é um grande equívoco, na realidade o que existem são línguas diferentes. Então não basta somente ter em mãos uma gramática e um dicionário, se a gramática não especifica o que na realidade precisamos aprender.

---

<sup>8</sup> 1979:130.

Com isso, notamos que o ensino da gramática, pode ser considerado um fator de

14

afronta. Ao aprender gramática, não aprendemos a real necessidade dela, sua verdadeira função, seus objetivos em cada conteúdo exposto. Ela é transmitida sem nenhuma análise crítica, e isso é um ato de desonestidade ao aprendiz.

### **4.3 O ensino nas escolas**

O uso da gramática normativa no ensino da Língua Portuguesa nas escolas, em geral, vem gerando acirradas polêmicas, entre os professores, ao longo dos últimos anos.

O ensino de língua portuguesa terá que refletir, necessariamente, a dinâmica do confronto inter e intradiscursivo e não apenas considerar a variável linearmente codificada pela gramática normativa como única a ser valorizada e elogiada.

Todo professor de língua portuguesa, por mínimo que seja, deve ter tido algum contato com as críticas feitas aos métodos tradicionais, e isto é algo que devemos ter a responsabilidade de educar. A ciência avança, a tecnologia avança, os dialetos aparecem, como também a língua muda e varia. Em pleno III milênio ainda seguir uma gramática inalterada a mais de 2.000 anos?

Se fizermos uma pesquisa com alunos, sobre a opinião a respeito de língua portuguesa, a maioria deles falaram que não gostam dessa disciplina, que não a compreendem, até mesmo porque a grande maioria dos professores considerados leigos, repassam para os seus alunos a gramática normativa de forma tradicional, sem

nenhuma alteração. O aluno vai tendo praticamente que decorar a todas as regras gramaticais, pois não sabem o seu real valor, não sabem o porque que precisam aprender, não sabem o seu real valor. Se fosse passado aos seus alunos, a sua finalidade, onde ele poderá aplicar tal regra, mas com certeza aprenderia com prazer.

#### **4.4 Criando e Repensando a gramática**

O português é uma língua tão fácil que qualquer criança que nasce no Brasil, aprende muito fácil. E é tão difícil que os gramáticos não conseguem explicá-la na sua totalidade. Acredito que a gramática pode ainda, torna-se algo prazeroso, se cada professor tiver disposição de inovar seus conceitos, aproveitar a realidade do seu alunado para exemplificar algo.

O interessante seria criar, formular pontos de reflexão e argumentos para atividades realizadas com alunos. Se a gramática tradicional, nem as teorias mais recentes nos ensinam.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A gramática normativa, está sempre ligada à produção de textos. Durante o ensino da gramática, não é somente regra e teoria. O aluno somente interioriza o conhecimento da estrutura, se ela for contextualizada em situações ou contextos comunicativos segundo as exigências que serão expostas. O professor pode utilizar cartazes, textos de embalagens, revistas, jornais etc. É importante despertar nos alunos a consciência da funcionalidade da leitura e escrita. E isso só será possível quando, nós professores, começarmos a levar em conta a bagagem que o aluno traz consigo a respeito da sua língua materna. Por mais distante que a linguagem do aluno esteja da variedade padrão, ela é extremamente complexa, articulada, longe de ser uma fala

pobre. Tal relação ensino-aprendizagem só acontecerá de forma plena quando a ponte entre aluno/professor estiver concretizada.

O ensino da gramática a princípio seguindo normas tradicionalistas é sim um elemento de reflexão de algo que é imposto e deve ser seguido, sem ou menos compreendermos sua real necessidade já do outro lado podemos mudar o quadro fazendo com que a gramática se torne elemento de aprendizagem, levando em consideração a realidade do meu aluno, incentivando-o sempre a ir em busca do conhecimento, valorizando suas idéias e sugestões no ensino da gramática.

Por isso, vale a pena investir e acreditar na possibilidade de conseguirmos unir norma culta e norma coloquial sem criarmos traumas na aprendizagem de nossos alunos, basta apenas que os educadores se conscientizem e busquem a formação, não apenas teórica, mas, também na prática e no contexto da realidade em que ele esta inserido, respeitando as diferenças.

E ainda que a elite cultural se conscientize de que houve mudanças profundas na língua padrão idealizada pela gramática normativa (tradicional) e que no Brasil já não se fala mais o português de Portugal e, sim, o português brasileiro.

/



## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: Encontro e Interação**; Ed. Parábola; São Paulo; 2003

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**- Ed. Contexto- 14ª edição; São Paulo; 2005

\_\_\_\_\_. **Português Brasileiro? –Um convite a pesquisa**- Ed. Parábola; 4ª edição; São Paulo- 2004

\_\_\_\_\_. **Gramática de língua portuguesa: Tradição gramatical, mídia e exclusão social**- Ed. Loyola- 2ª edição; São Paulo; 2001

NEVES, Maria Helena de Moura – **Que gramática estudar na escola? Norma e uso da língua portuguesa**; Ed. Contexto; São Paulo; 2006

POSSENTI, Sírio – **Porque (não) ensinar gramática na escola**. Ed. Mercado de letras; São Paulo; 2006